



Juventude Rural e Ensino Superior Público: Trajetórias de Estudantes de um Campus Universitário Público do Nordeste do Brasil

Samuel Pires Melo¹  <http://orcid.org/0000-0003-0655-2917>

Osmar Rufino Braga²  <https://orcid.org/0000-0003-0378-3787>

Jullyane Frazão Santana³  <https://orcid.org/0000-0002-4537-7085>

^{1,2,3} Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Observa-se que nos últimos anos houve um processo de interiorização do ensino superior no Brasil, advindo principalmente da política pública de reestruturação e expansão das universidades federais, instituída em 2007. No entanto, em que medida esse processo pode ser considerado como de mudanças nas trajetórias de vida de grupos sociais historicamente marginalizados? Para desencadear tal discussão, este artigo analisa as trajetórias escolares de jovens estudantes rurais de um campus universitário público do Nordeste do Brasil. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, com amostragem aleatória de estudantes dos cursos das áreas de ciências exatas e biológicas, no qual foram utilizados o questionário e o diário de campo como instrumentos de coleta de dados; a estatística descritiva e a análise de conteúdo, como procedimentos de análise desses dados. Os resultados apontaram para um perfil de jovens com idade que varia entre 18 a 33 anos; trajetória escolar de migração para espaços citadinos, como motivação para continuar os estudos devido à precarização da educação nos espaços rurais; e perspectivas de futuro voltadas para o ensino superior objetivando a ascensão financeira para ajudar a família e seus territórios. Portanto, esse estudo sugere que os programas de interiorização e expansão das universidades federais estão sendo um aliado nas trajetórias de mudanças dos jovens e das jovens das áreas rurais.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino superior. Juventude rural. Trajetória escolar.

Correspondência ao Autor

¹ Samuel Pires Melo

E-mail: samuelmelo@ufpi.edu.br

Universidade Federal do Piauí

Ministro Reis Velloso, PI, Brasil

CV Lattes

<http://lattes.cnpq.br/2484459920015984>

Submetido: 22 jan. 2019

Aceito: 02 ago. 2019

Publicado: 16 out. 2019

 [10.20396/riesup.v6i0.8654480](https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8654480)

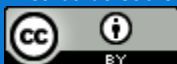
e-location: e020022

ISSN 2446-9424

Checkagem Antiplágio



Distribuído sobre



Rural Youth and Public Higher Education: Student Trajectories of a Public University Campus of the Northeast of Brazil

ABSTRACT

In recent years, there has been a process of internalization of higher education in Brazil, resulting mainly from the public policy of restructuring and expansion of federal universities, instituted in 2007. However, to what extent this process can be considered as changes in life trajectories of historically marginalized social groups? To trigger such a discussion, this article analyzes the school trajectories of young rural students from a public university campus in northeastern Brazil. This is a quantitative, descriptive study with random sampling of students from the exact and biological sciences courses, in which the questionnaire and field diary were used as data collection instruments; descriptive statistics and content analysis, as procedures for analyzing these data. The results pointed to a profile of young people ranging in age from 18 to 33 years; school trajectory of migration to city spaces, as motivation to continue studies due to the precariousness of education in rural spaces; and future prospects for higher education aiming at the financial rise to help the family and its territories. Therefore, this study suggests that the internalization and expansion programs of federal universities are being an ally in the changing trajectories of young people in rural areas.

KEYWORDS

Higher education. Rural youth. Student life.

Juventud Rural y Educación Superior Pública: Trayectorias de Estudiantes de un Campus de la Universidad Pública del Noreste de Brasil

RESUMEN

En los últimos años, ha habido un proceso de internalización de la educación superior en Brasil, resultado principalmente de la política pública de reestructuración y expansión de las universidades federales, instituido en 2007. Sin embargo, hasta qué punto este proceso puede considerarse como cambios en ¿Las trayectorias de vida de los grupos sociales históricamente marginados? Para desencadenar tal discusión, este artículo analiza las trayectorias escolares de jóvenes estudiantes rurales de un campus universitario público en el noreste de Brasil. Este es un estudio cuantitativo, descriptivo, con muestreo aleatorio de estudiantes de los cursos de ciencias exactas y biológicas, en el que se utilizó el cuestionario y el diario de campo como instrumentos de recolección de datos; estadísticas descriptivas y análisis de contenido, como procedimientos para analizar estos datos. Los resultados apuntaban a un perfil de jóvenes con edades comprendidas entre 18 y 33 años; trayectoria escolar de la migración a espacios urbanos, como motivación para continuar estudios debido a la precariedad de la educación en espacios rurales; y las perspectivas futuras de educación superior con el objetivo de un aumento financiero para ayudar a la familia y sus territorios. Por lo tanto, este estudio sugiere que los programas de internalización y expansión de las universidades federales están siendo un aliado en las trayectorias cambiantes de los jóvenes en las zonas rurales.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza superior. Juventud rural. Vida escolar.

Introdução

Os saberes construídos pela sociedade, ao longo do tempo, são disseminados de inúmeras maneiras. Em vias formais, o processo de socialização secundária dos indivíduos é atribuído principalmente pela modernidade ocidental à instituição escolar. Sendo assim, considera-se que a escola é o meio responsável por educar os sujeitos sociais e os instrumentalizar para o mundo social, dando subsídios que garantem, em parte, vínculos sociais, econômicos, políticos e culturais de manutenção e transformação da ordem social vigente.

Ponderando com base nos termos constitucionais brasileiros, que vigoram atualmente, entende-se que o acesso a uma educação de qualidade deve ser garantido à população de modo geral, independentemente de sua classe social, etnia, gênero, credo, território, etc. Entretanto, os grupos sociais que não estabelecem relações de poder na estrutura social vigente não usufruem desse direito.

O presente estudo situa-se no contexto da produção sobre os processos de socialização e “inclusão” de jovens na sociedade e tem como interlocutores os jovens e as jovens rurais que conseguiram entrar na universidade pública. O trabalho busca analisar as trajetórias de vida desse segmento social, destacando as representações sociais desses sujeitos nos espaços educacionais.

Discutir as representações sociais dos sujeitos juvenis rurais nos espaços educacionais em suas trajetórias de vida é importante porque esses atores sofrem as influências do meio onde vivem e atuam, as quais produzem processos de resignificação de suas experiências. Com isso, concorda-se com Paulo (2010, p.51), que traz em seu escrito a concepção disseminada nas obras de Karl Mannheim, pioneiro nos estudos voltados para área da juventude, que ressalta o protagonismo desta etapa da vida “não apenas por um viés de classe, mas como sujeito formado na relação dialética com a sociedade e visto com potencial transformador”. Os jovens e as jovens convivem com dilemas que exigem adaptação ao meio social no qual estão inseridos e sua identidade é construída e reconstruída ao longo de suas vivências, tornando-se assim sujeitos sociais, diretamente influenciados pelas figurações que constroem e pelos jogos simbólicos que os acompanham. Nesse sentido, Barcellos (2014, p.66) ressalta que:

As transformações dos seres humanos singulares e as transformações das figurações que eles formam uns com os outros, mesmo sendo inseparáveis e entrelaçadas entre si, são transformações em planos e de tipos diferentes como no caso do rural brasileiro e do que se condiciona como juventude rural há uma constante tensão.

Barcellos (2014) chama atenção para diversas figurações existentes entre os espaços rurais e urbanos brasileiros. No primeiro caso, os rurais se apresentam de inúmeras formas, tendo em cada instância representações e sujeitos diferenciados que encaram uma multiplicidade de condicionamentos, características peculiares e tradições que modificam o

ambiente e aqueles que o integram, não permitindo assim definições fixas e estanques a seu respeito. Nesse sentido, Stropasolas (2005, p. 03) percebe

O rural como um conceito em construção e não um lugar cristalizado e com “virtudes” essencialistas, tendo em vista que as visões de rural que se impõem são resultantes de forças sociais muitas vezes divergentes da concepção do que é ou deva ser a ruralidade.

Ao entender o rural sob o enfoque de suas múltiplas faces, chama-se a atenção para as diversas formas de estruturação que vêm acontecendo por conta dos processos de descontinuidade associados, segundo Giddens (1991), à modernidade. No entanto, esta temática vem ganhando grandes proporções à medida em que a crise moral e cívica vivenciadas pelos moradores do urbano se constituem, pois por décadas o rural foi marginalizado pelos estigmas de lugar atrasado e desvencilhado da possibilidade de progresso.

Wanderley (1997), ao analisar os processos de modernização das ruralidades e seus questionamentos acerca do lugar dos rurais no Brasil contemporâneo, aponta duas das principais características desses espaços:

Relação específica dos habitantes do campo com a natureza; o meio rural é, neste sentido, um espaço predominantemente não construído pelo homem, do que resultam práticas e representações particulares a respeito do espaço, do tempo, do trabalho, da família, etc. Por outro lado, relações sociais também diferenciadas, que Henri Mendras definiu como de interconhecimento, resultantes da dimensão e da complexidade restritas das coletividades rurais. (1997, p. 02)

Essas características levantadas por Wanderley (1997) ultrapassam as diferenciações dos espaços rurais e urbanos que tomam como base os dados demográficos. Além disso, suas características também superam entendimentos acerca da modernização do rural como diretamente relacionada aos paradigmas de distinção dos referidos espaços, pois, como destaca Milton Santos (*apud*, WANDERLEY, 1997, p.04), “a profundidade das transformações da sociedade, tende a diluir a distinção tradicional entre urbano e rural e substitui-la pela distinção entre regiões agrícolas e urbanas”. Na verdade, tais distinções não contribuem para o processo de compreensão dos rurais, pois corroboram com a homogeneização das definições que nem sempre estão de acordo com a experiência vivenciada pelos sujeitos nesses espaços. Concernente ao exposto, Silva (*apud*, PAULO, 2010, p. 70) afirma que:

A diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano, do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária.

Esse tipo de entendimento, do rural tomando como base apenas perspectivas urbanas e os colocando em oposição, deve ser atualizado de forma a encará-lo como resultado de um processo dialético, constituído com base nas relações que são estabelecidas mediante as

vivências entre o campo e a cidade, que originam um espaço social amplamente diversificado, tratando-se, antes de tudo, de uma diversificação “que resulta da própria diferenciação das cidades, das estratégias dos habitantes do campo, de acesso aos bens e serviços municipais e da diferenciação dos espaços da vida cotidiana” (WANDERLEY, 1997, p. 05). Nesse sentido, vê-se que as percepções dos distanciamentos físicos e sociais que antes engendraram os modos de vida rural e o urbanos estão sendo atualizados pela reflexividade da modernidade.

Paulo (2010, p. 73) cita Jollivet para tratar da “modernização rural” apontando o aumento demográfico, a facilidade de acesso aos meios de transporte e de comunicação, como fatores que contribuem diretamente para os fluxos migratórios. Sendo que, uma das consequências do aumento das migrações, é a dissolução das barreiras existentes entre o rural e o urbano, o que pode ser entendida como uma relação dúbia que provoca “a elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser investigadas” (STROPASOLAS, 2005, p. 04). Diante disso, Wanderley (*apud*, PAULO E SILVA, 2013, p.13) destaca que:

Apesar de haver entre os jovens rurais e urbanos muitas semelhanças no que se refere aos sonhos de vida futura, o gosto por conviver em grupos de amigos e até o estilo de roupa, tais semelhanças não diluem as diferenças relativas à especificidade de viver no meio rural e fazer parte de uma família camponesa.

O que chama atenção é o fato das identidades sociais desses jovens estarem relacionadas ao meio de origem pelas singularidades apresentadas. Paulo (2010, p.72) compreende que “O meio rural é o resultado de um processo histórico e de relações sociais específicas, que não se diluem em meio aos contatos frequentes com o urbano”. No entanto, pode-se considerar que o meio rural passa a ser alicerçado pelos processos reflexivos de seus agentes, na medida em que vivenciam outras instâncias e atribuem novos significados as suas tradições. Carneiro (*apud*, STROPASOLAS, 2005, p. 13) ressalta que:

Os jovens são atores dessa reconstrução cultural a partir de uma releitura dos valores urbanos, em que papéis sociais são redefinidos e projetos são formulados sob novos paradigmas, partindo-se de uma ruptura (parcial) com os velhos moldes, tradicionalmente adotados pela sociedade local.

Esse diálogo vislumbra observar que a juventude rural emerge como uma parcela da população que é profundamente afetada pelos processos de transformação, e vem conquistando seu espaço, pois antes era vista, apenas, como um segmento de trabalhadores (as) a serviço da subsistência familiar. O “ser jovem” do rural é uma questão que traz em sua envergadura inúmeras implicações, a começar pelos estereótipos disseminados socialmente que contribuem para a marginalização dos indivíduos que compõem essa “condição juvenil”. Isso continua sendo ressaltado porque existem “uma multiplicidade de situações juvenis rurais que são delimitadas pelas condições socioeconômicas das famílias, acesso à educação, gênero e localização da comunidade onde mora em relação à cidade” (PAULO, 2010, p.130).

Em um estudo desenvolvido no sertão de Pernambuco, Tavares (2009), ao analisar as trajetórias de onze atores juvenis filhos do município de Ibimirim, concebe um emaranhado

de situações que traduzem alguns fatores que tornam-se fundamentais para o entendimento das condições juvenis desses sujeitos, o que contribui para a constituição das identidades dos jovens que cruzam os caminhos do rural e do urbano.

Algumas trajetórias mostram jovens em busca de um modo de vida que ainda não foi experimentado por seus pais, pelo menos na forma como eles projetam essa vida, através de ideias e comportamentos, na forma de uma vida que conciliasse o melhor do campo, com o melhor da cidade. A aproximação entre a vida no rural e no urbano que esses jovens buscam se efetivaria através do acesso ao transporte e comunicação mais eficiente, que encurtariam a distância e aumentariam a quantidade da qualidade das trocas materiais e simbólicas. (TAVARES, 2009, p.247)

Além desses jovens que se aproximam mais detidamente de uma vida rural resignificada com o urbano, Tavares (2009) destaca também que alguns dos jovens simplesmente se acomodam e optam por permanecer reproduzindo o modelo instituído. Porém, acrescenta que a ausência de políticas públicas dificulta a concretização de muitos projetos elaborados pelos jovens, pois assim como suas famílias, estes ficam à margem do capital e das relações de poder. As desigualdades vividas pelos jovens são muitas e as formas de superação referem-se, principalmente, ao trabalho e à educação, vistos como molas propulsoras para a transformação da condição vivenciada no meio rural. Seguindo a perspectiva apresentada, concorda-se com Carneiro (2005, *apud*, PAULO, 2010, p. 65), ao considerar:

A valorização da educação como condição para o jovem do campo conseguir um emprego, em grande parte está associada ao abandono da atividade agrícola; a grande incidência de jovens que moram no campo e trabalham na cidade pode ser interpretada como decorrência de uma nova realidade onde o jovem busca combinar a residência na localidade de origem, com o trabalho na cidade.

Chama-se atenção, nessa perspectiva, para as dificuldades encontradas pelos jovens e pelas jovens rurais quando decidem buscar melhores condições de vida e trabalho pela educação formal. A discussão levantada por Paulo (2010) leva em consideração as precárias condições de trabalho, as quais os jovens e as jovens são submetidos, é uma consequência das dificuldades enfrentadas pelos mesmos ao buscarem a educação em suas localidades. Percebe-se assim que o acesso e permanência de jovens rurais na escola são cerceados por falta de políticas públicas que levem em consideração os fatores como localização, currículo, trabalho, família, dentre outros que serão discutidos nesse ensaio.

Observando, nesse sentido, os enfrentamentos dos jovens e das jovens rurais em suas trajetórias de vida, este trabalho vem fomentar as discussões no âmbito das experiências de juventudes universitárias rurais que constroem suas identidades através das vivências entre os espaços urbanos e rurais, pois, assim como Paulo e Silva (2013, p.02), acredita-se que esses jovens rurais “são atores sociais que constroem identidades particulares em meio a coletividades rurais e em relação a outras juventudes, mas que, apesar disso, esta é uma categoria que necessita ainda ser melhor compreendida”.

O trabalho está organizado basicamente em quatro partes, sendo que, na primeira, apresenta-se a metodologia, destacando-se o grupo-sujeito da pesquisa, a abordagem adotada, os instrumentos de coleta e o método de análise dos dados; na segunda, analisa-se, com base nos dados produzidos, a diversidade e as trajetórias escolares dos sujeitos juvenis rurais; na terceira parte, reflexiona-se sobre os desafios das trajetórias dos jovens e das jovens rurais, sob o ponto de vista do processo de sociabilidade vivida pelos sujeitos, destacando-se as formas de enfrentamento e seus reflexos na esfera universitária. Encerramos o trabalho apresentando algumas considerações finais.

Metodologia: Abordagem e Procedimentos na Produção de Dados

A pesquisa foi baseada em uma metodologia sob uma abordagem quantitativa (FALCÃO & REGNIER, 2000). No caso de técnicas desta natureza, tem-se a possibilidade de apreensão dos dados numéricos relativos ao campo da pesquisa que podem estar direta ou indiretamente envolvidos. As informações foram obtidas por meios das questões sobre o perfil socioeconômico dos jovens e das jovens rurais e pesqueiros dos cursos das áreas de ciências exatas e biológicas, algumas de suas trajetórias escolares, desde a educação básica ao ensino superior, vivências socioculturais e perspectivas para o futuro. As questões abertas foram categorizadas na perspectiva de Bardin (2011), com base na análise de conteúdo, posteriormente foram digitados em planilha do *software Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) pela equipe que obteve as informações.

O estudo resultou na análise de 38 questionários, respondidos por jovens rurais e pesqueiros, nos meses de fevereiro a maio de 2016. À época, o grupo-sujeito da pesquisa frequentava regularmente a Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Veloso, e se encontrava matriculado em cursos voltados para as áreas que englobam as ciências exatas e biológicas. Antes da aplicação dos questionários, foi feito o mapeamento do número de jovens que moravam em comunidades rurais e pesqueiras ou migravam temporariamente para cidade, a fim de cursar o ensino superior. Constatou-se que o percentual desses jovens é bem menor quando comparado ao total de alunos matriculados nesta Instituição de Ensino Superior (IES), conforme tabela 1.

Tabela 1. Mapeamento quantitativo de alunos (as) por curso

Cursos	Alunos matriculados	Alunos mapeados	Jovens rurais	Jovens rurais pesquisados
Biologia	400	151	27	18
Eng. de Pesca	280	049	09	06
Matemática	312	105	20	14
Total	992	305	56	38

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

Os cursos apresentados na tabela 1 têm entrada semestral no campus, com até 60 vagas. No entanto, observou-se uma diferenciação no número de alunos (as) frequentando os

referidos cursos, e com pouca juventude rural. No curso de Biologia, por exemplo, dos 400 alunos (as) matriculados (as), apenas 27 se enquadravam na pesquisa. No curso de matemática, estava com um total de 312 alunos ativos, sendo que destes apenas 20 são do meio rural. O curso no qual se sentiu mais dificuldade para realização da pesquisa foi o de engenharia de pesca, pois o único período com alunos (as) em sala de aula regular era o primeiro, não foram encontradas as turmas em sala e a grande maioria das aulas acontecia no centro de piscicultura, sendo que dos 280 alunos (as), conseguiu-se mapear 49, e destes, apenas 9 estudantes eram do meio rural.

Tabela 2. Perfil socioeconômico dos/das jovens rurais pesquisados (as)

Características	N	%
Idade		
18-20	20	52,7
21-23	8	21
24-26	7	18,4
27-33	3	7,8
Total	38	100
Gênero		
Masculino	23	60,5
Feminino	15	39,5
Total	38	100
Estado civil		
Solteiro	34	89,5
Casado/ mora junto	04	10,5
Total	38	100
Renda		
Até um salário	5	13,2
Mais 1 até 3	13	34,2
Não sabem/ não responderam	20	52,6
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

Com o intuito de compreender os indivíduos que transcenderam as dificuldades identificadas, nesta e em outras pesquisas, buscou-se em um primeiro momento traçar o perfil socioeconômico dos/das respondentes, visto na tabela 2. Um pouco mais da metade (52,7%) dos/das jovens pesquisados (as) tem entre 18 e 20 anos. A maioria (60,5%) é do gênero masculino. Há de se salientar ainda que um número significativo (89,5%) dos sujeitos é solteiro. Em relação à renda familiar, 13,2% afirmam que essa vai até um salário mínimo, enquanto que 34,2% apontam ser um pouco mais de um até três salários mínimos, 52,6% afirmam que não sabem e/ou não responderam.

Os Sujeitos Juvenis Rurais: Diversidade e Trajetórias Escolares

Os sujeitos desta pesquisa são representantes de uma pequena parcela que conseguiu chegar ao *status* de universitários (as) do sistema público, pois assim como afirmam as pesquisas de Wanderley (2007) e Castro (2007), o acesso da juventude rural às universidades é escasso e as dificuldades são muitas. Sendo assim, são poucos os jovens do meio rural que conseguem dar continuidade aos seus estudos, e quando o fazem, encontram-se nas redes de ensino pública, na modalidade semipresencial e, em muitos casos, em cursos que não são de seu interesse primeiro. Segundo Carneiro (2005 *apud*, PAULO E SILVA, 2013, p.03)

Há uma maior valorização da educação por parte desta parcela da juventude como condição para acessar emprego e esta, está em grande parte mais associada a um afastamento da atividade agrícola. [...] os jovens rurais, em grande parte, estão ligados a condições precárias de contratos de trabalho o que demonstra que o investimento na educação, apesar de ser um desejo, não faz parte da vida da maioria desses jovens.

Observa-se a existência de uma diversidade de jovens rurais. Como, por exemplo, aqueles e aquelas que mais se integram às atividades do ensino formal e menos às atividades agrícolas e vice-versa. Nesse trabalho, analisam-se os sujeitos que conseguiram driblar as dificuldades de acessar os níveis educacionais básicos até chegar ao ensino superior público. Por outro lado, não significa dizer que as dificuldades e desigualdades tomaram um fim, destaca-se o caso das relações de gênero no acesso e permanência ao ensino formal. Conforme observado na tabela 2, a maior parte (60,5%) dos sujeitos pesquisados é formada por homens, o que pode ter relação com a área do conhecimento escolhida pelos sujeitos (no caso, exatas e biológicas), tradicionalmente vinculado ao gênero masculino, pois a pesquisa realizada em um campus universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco, em Serra Talhada, Paulo e Silva (2013) observaram que o número de mulheres (60%) frequentando a IES era maior que o número de homens (40%). Isso porque, segundo Silva (2002, p.103)

As moças eram as que permaneciam por mais tempo na escola quando comparadas aos rapazes. Muito provavelmente pelo fato de não ingressarem no processo de migração sazonal tão rapidamente como os rapazes. Porém, permanecendo em casa, as moças têm de se equilibrar entre os estudos e os trabalhos domésticos ou trabalhos domésticos remunerados, em casas de famílias na área urbana do município. Em contrapartida, foi observado que os rapazes têm uma predisposição muito maior para abandonar os estudos em função do trabalho.

Embora não sejam valorizadas em suas múltiplas funções, as jovens mulheres do rural aliam sua lida diária com atividades que envolvem desde o cultivo da agricultura, cuidado do lar, estudos, criação de animais/ aves/ peixes, religião, entre outras. Há de se salientar, por outro lado, que quando precisam migrar para cidade a fim de “concluir os estudos”, principalmente o ensino médio (ver tabela 3) e superior, as atividades do campo se tornam secundárias, e elas passam a trabalhar, muitas vezes, na cidade como domésticas, em comércio de ponta de rua, recebendo auxílio financeiro dos pais ou “bolsa da universidade”, conforme conversa informal com as jovens universitárias pesquisadas.

Tabela 3. Trajetórias da educação básica dos/das jovens rurais pesquisados (as)

Características	N	%
Ensino Fundamental		
Integralmente em escola pública	32	84,2
Maior parte em escola pública	5	13,2
Maior parte em escola particular	1	2,6
Total	38	100
Modalidade do Ensino Fundamental		
Regular	38	100
Supletivo	0	0,0
Total	38	100
Concluiu o Ensino Fundamental		
Rural	21	55,3
Urbano	17	44,7
Total	38	100
Ensino Médio		
Integralmente em escola pública	31	81,6
Integralmente em escola particular	3	7,9
Maior parte em escola pública	3	7,9
Maior parte em escola particular	1	2,6
Total	38	100
Modalidade do Ensino Médio		
Regular	37	97,4
Supletivo	1	2,6
Total	38	100
Concluiu o Ensino Médio		
Rural	12	31,6
Urbano	26	68,4
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

Na trajetória escolar da educação básica dos jovens estudados, é possível perceber que uma das estratégias utilizadas pelos jovens e pelas jovens para concluir a educação básica foi a migração, isso pode ser observado desde o ensino fundamental, pois um pouco mais da metade (55,3%) dos respondentes cursou o ensino regular em nível fundamental em escolas da zona rural, entretanto, uma parcela significativa (44,7%) saiu do meio rural/comunidades pesqueiras logo nos primeiros anos da escolarização. Quando se volta o olhar para a migração no ensino médio, verifica-se que menos da metade (31,6%) dos jovens rurais permaneceu no rural/ comunidades pesqueiras, com isso percebe-se uma queda significativa na permanência desses/dessas jovens em suas localidades de origem, ou seja, na medida em que o nível de escolaridade aumenta, a evasão nas comunidades cresce. Tal colocação pode ser confirmada pelo crescimento do percentual de jovens (68,4%) que passou a frequentar as escolas nas cidades.

A relação direta entre o nível de escolaridade e os fluxos migratórios da juventude rural aponta para mais um desafio enfrentado por esses grupos sociais. Além da migração sazonal para trabalhar, eles também realizam esse processo para estudar. Nesses casos, Stropasolas (2005, p. 16) afirma que uma das causas do processo migratório é a busca pela superação da vida posta em suas localidades e o questionamento das profissões vivenciadas por seus pais, sendo que uma das principais formas de escapar dessa realidade é o movimento “em direção à sede dos municípios da região, em busca de oportunidades de trabalho ou mesmo de acesso a níveis superiores de educação”. Assim Souza, Andreatta e Rambo (2008, *apud*, MACHADO, 2014, p. 60), trazem para o bojo da discussão o argumento de que

Os jovens no campo vêm enfrentando uma absoluta falta de perspectiva para com este território, isto porque do modo como o campo está estruturado não oferece alternativas, resultando na saída massiva dos jovens do campo para a cidade com o objetivo de mudar de vida, pois não desejam vivenciar a crise financeira na qual se situa a agricultura familiar.

A falta de perspectivas para a juventude nas várias ruralidades brasileiras, e no caso dos sujeitos entrevistados, está atrelada, em parte, a um modelo de desenvolvimento que gera hierarquias. O ensino formal, por exemplo, estrutura distinções entre as escolas da cidade e do campo por não levar em consideração suas especificidades e não oferecer as mesmas oportunidades entre os territórios. Isso pode ser observado na falta de escolas públicas para os níveis de ensino básico e superior, que atenda às necessidades das populações rurais. Para se ter uma ideia dessa deficiência, principalmente em determinados níveis, tem-se que a maioria (84,2%) dos jovens universitários pesquisados cursou o ensino fundamental integralmente em escola pública, mas somente um pouco mais da metade (55,3%) concluiu o ensino fundamental em território rural.

Quando se verifica a modalidade do ensino médio, percebe-se que a grande maioria (81,6%) permaneceu na rede pública, só que a maioria (68,4%) teve de migrar para cidade a fim de concluir o ensino básico. Além da falta de instituições de ensino básico e superior nas comunidades rurais, a qualidade da educação oferecida no campo é outro fator que **vem** a corroborar com as evasões dos jovens em busca de mais qualidade. Apesar de as condições da educação pública no país, salvo algumas exceções, não serem baseadas em um modelo de qualidade mesmo, estando em perímetro urbano, estas se tornam as únicas opções **dos/das** jovens de baixa renda que almejam a educação para a transformação. Nesse sentido, Paulo e Silva (2013, p.05) concordam com outros estudos, ao afirmarem que a qualidade das escolas públicas, principalmente em nível de ensino médio, é inferior

Quando relacionadas com as privadas e isso se torna mais problemático quando falamos do meio rural, que não as possui. Além disso, o deslocamento desses jovens para o meio urbano sem nenhuma preocupação com a construção de um conhecimento contextualizado, leva muitos jovens a valorizarem outros conhecimentos em detrimento da socialização na agricultura familiar, o que nos leva a concluir, que o acesso aos estudos significa saída e não fortalecimento dessa profissão e desse meio de vida.

A relação do ensino contextualizado com o fortalecimento do modo de vida rural é uma importante reflexão que possibilita estreitar os laços entre a educação e o meio rural.

Pois, se nesses espaços, tivessem escolas que primassem pelo diálogo entre os saberes técnico-científicos e os conhecimentos locais, os processos migratórios sofreriam uma queda, visto que, como aponta Dayrell (2003, p. 56), a escola não cria linhas de proximidade com os interesses e necessidades dos jovens, “não conseguindo entender nem responder às demandas que lhes são colocadas, pouco contribuindo também em sua construção como sujeitos”. É importante destacar que a ausência de sentido dos alunos para com a escola influencia diretamente tanto nos processos do rendimento escolar dos/das discentes quanto na evasão escolar. A tabela 4 faz um apanhado geral dos índices de rendimento escolar do ensino básico dos sujeitos envolvidos no estudo.

Tabela 4. O rendimento escolar dos/das jovens rurais pesquisados (as) na trajetória do ensino básico

Características	N	%
Recuperação na educação básica		
Sim	21	54,3
Não	17	44,7
Total	38	100
Disciplinas que ficou em recuperação		
Ciências humanas/linguagens	6	15,8
Matemática/Ciências naturais	6	15,8
Ambas	9	23,7
Não se aplica	17	44,7
Total	38	100
Alguma reprovação na educação básica		
Sim	11	28,9
Não	27	71,1
Total	38	100
Expulsão na educação básica		
Sim	0	0
Não	38	100
Total	38	100
Pausa entre o Ensino Fundamental para o Ensino Médio		
Sim	0	0
Não	38	100
Total	38	100
Pausa entre o Ensino Médio para o Ensino Superior		
Sim	12	31,6
Não	26	68,4
Total	38	100
Ingresso no Ensino Superior por meio de:		
Cotas baixa renda	20	52,6
Ampla concorrência	15	39,5
Cotas para Negros	2	5,3
Vagas para deficiências	1	2,6
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

As condições com que se propõe um currículo contextualizado e sob competências não são recentes, mas se projetaram em um campo mais amplo de um conjunto de mudanças constituintes da sociedade brasileira, no final dos anos noventa do século XX. Além disso, o currículo baseado em competências é o centro da proposta da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) para a educação do século XXI. No entanto, a indagação de sua efetividade posta na atualidade do desenvolvimento dos alunos é algo a se levar em consideração, principalmente na realidade da juventude rural.

Para se ter uma ideia desse questionamento, traz-se para o centro da discussão, mediante a tabela 4, o rendimento escolar dos jovens e das jovens que participaram das entrevistas, os/as quais aparentemente são sujeitos de sucesso por estarem cursando o ensino superior, mas que, por outro lado, passaram por certas dificuldades, isso porque mais da metade (55,3%) dos respondentes ficou para recuperação em algum momento da educação básica, sendo que desse total, alguns (15,8%) ficaram nas matérias que compreendem as áreas de linguagens e ciências humanas, juntamente com outros (15,8%) que ficaram nas disciplinas que correspondem às áreas de matemática e ciências da natureza, bem como um número significativo (23,7%) que ficou em ambas as áreas. Além da recuperação, a reprovação escolar também fez parte da vida de alguns desses sujeitos (28,9%) em alguma etapa do ensino. As áreas que corroboraram para esse índice são: matemática e ciências da natureza (13,2%), linguagens e ciências humanas (5,3%), ambas (5,3%).

Na pesquisa realizada por Bacha *et al.* (2006) o rendimento escolar de alunos que se originam do meio rural e frequentam escolas públicas nas áreas urbanas, foi discutido através da comparação entre as notas destes e de estudantes próprios do meio urbano. Por meio da análise dos dados, os estudiosos concluíram que não há diferenças significativas no desempenho dos alunos nas variadas disciplinas examinadas. Entretanto, apontam para a necessidade de “estudar os vários fatores que interferem no rendimento escolar dos alunos, independentemente do local de moradia” (p. 439). A importância dessas investigações é justificada pelos mesmos, ao afirmarem que:

Há vários problemas de aprendizagem encontrados dentro das escolas e estima-se que de 10 a 20% destes sejam exclusivos dos sujeitos e 80 a 90% tenham a causa do fracasso escolar ligados a questões culturais, sociais e políticas que regem a instituição escolar. Nestes aspectos deve ser considerada também a postura/atitude do professor na produção do fracasso ou do sucesso escolar. (BACHA et al., 2006, p. 432)

Observar que a aprendizagem passa por fatores de ordens cognitiva, educativa, econômica, social, cultural, política e territorial possibilita enxergar as multidimensões das dificuldades que os jovens do meio rural têm em prosseguir com seus estudos. Porém, mesmo com os desafios, todos os sujeitos da pesquisa avançaram sem pausas do ensino fundamental para o médio. O que não aconteceu com o avanço no nível de ensino do médio para o superior. Nesse momento, percebeu-se que alguns (31,6%) desses entrevistados e dessas entrevistadas deram pausas por motivos, principalmente, relacionados à falta de transporte, à emergências financeiras/ trabalho e à aprovação no processo seletivo. Sobre essa última

dificuldade, como ilustrado na tabela 4, a maioria (52,6%) dos sujeitos ingressou através das cotas para baixa renda, o que para eles e elas é a forma mais justa de inclusão, tendo em vista que essa modalidade engloba um número maior de pessoas de vários grupos sociais. Mais do que isso, Guarnieri e Melo-Silva (2017, p.190-91) salientam que

As Cotas Universitárias já fazem parte da realidade brasileira e também se identificam como alternativa de socialização. Como medida de “ação afirmativa” com finalidade reparatória, configura-se em uma alternativa possível para promover a inserção do jovem em situação de desvantagem social e étnica nos espaços acadêmicos, enriquecendo tais espaços com a diversidade e possibilidade criativa derivadas desse processo, o que pode desdobrar-se em mudanças nas agendas de pesquisa, na definição de prioridades e na produção do conhecimento acadêmico.

Apresentar-se por meio de um discurso de sucesso escolar pode ser percebido como mérito estritamente pessoal, mas essa representação ganha proporções quando ações políticas confluem para promover a inserção de grupos em situação de desvantagem social e étnica nesses espaços.

Sociabilidade e Inserção no Ensino Superior

Não é possível entender as trajetórias dos jovens e das jovens no ensino superior sem analisar as formas de sociabilidade vividos por esses sujeitos na instituição de ensino superior. Salienta-se que os que os desafios em suas trajetórias continuam e para entender as formas de enfrentamento e seus reflexos no cotidiano dos (as) universitários (as), traz-se para a contenda as formas de sociabilidade vivida no âmbito da instituição de ensino superior, como pode ser visto na tabela 5.

Tabela 5. Sociabilidade dos/das jovens rurais pesquisados (as) na trajetória do Ensino Superior

Características	N	%
Sente-se bem/ orgulhoso por estar estudando no <i>Campus</i>		
Sim	38	100
Não	0	0
Total	38	100
Gosta dos professores do <i>Campus</i>		
Sim	32	84,2
Não	06	15,8
Total	38	100
Pode contar com seus professores do <i>Campus</i>		
Sim	05	13,2
Não	33	86,8
Total	38	100
Pode contar com a assistência estudantil do <i>Campus</i>		
Sim	31	81,6
Não	07	18,4
Total	38	100

Confia nos colegas do curso do <i>Campus</i>		
Sim	26	68,4
Não	12	31,6
Total	38	100
Participa de alguma atividade acadêmica (grupos de estudos e/ou pesquisa no <i>Campus</i>)		
Sim	17	44,7
Não	21	55,3
Total	38	100
Incentivado a frequentar a Universidade		
Sim	25	65,8
Não	13	34,2
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

Machado (2013) aponta que a sociabilidade é uma dimensão da condição juvenil que ocorre com mais frequência em espaços de lazer e diversão. Entretanto, elucida sua recorrência em espaços institucionais como a escola e o trabalho. Nesse caso, é fundamental que os alunos se sintam bem e se relacionem de forma positiva com os sujeitos que a constituem. Com base na análise da tabela 5, os dados sugerem que todos os/as respondentes se sentem bem na UFPI e têm orgulho de ser aluno desta instituição. Além disso, o auxílio institucional possibilita a esses jovens se sentirem pertencentes a essa IES, como, por exemplo, pelo recebimento de bolsas que venham a auxiliar os (as) universitários (as) na manutenção da vida acadêmica, pois não precisaram trabalhar para vivenciar sua condição juvenil, que está diretamente relacionada com a busca pela independência financeira. Justificando-se pelo fato de que “para os jovens de classes populares, o grande desafio é a garantia da própria sobrevivência, entre a tensão da busca pela gratificação imediata e um possível projeto para o futuro” (DAYRELL, 2007, p. 1109). Com isso, tem-se que a maioria (81,6%) dos entrevistados pode contar com a assistência estudantil da UFPI.

Outro motivo para satisfação com a IES está relacionado aos docentes. A maioria dos/das estudantes (84,2%) gosta dos seus professores, mas sente que não pode contar com a maioria desses profissionais (86,8%), isto acontece porque, segundo eles/elas, há uma distância entre os docentes e os/as discentes, “é como se existisse um muro invisível que impede de me aproximar dos meus professores, mas sei que eles têm excelentes qualificações” (jovem rural, 23 anos, Engenharia de Pesca). Diante disso, afirmam Martins e Dayrell (2010, p. 09)

Os procedimentos e práticas dos professores influenciam nos rumos tomados no processo de participação do estudante. E, que os alunos geralmente valorizam o interesse dos professores por eles e consideram sua relação de cordialidade, chegando algumas vezes a relações de amizade.

É interessante notar que, embora as relações de amizade não sejam comuns, existe uma cordialidade e admiração aos professores, conforme observado por Martins e Dayrell (2010), o que contribui diretamente para que quase a metade (44,7%) desses/dessas

estudantes escolha participar de atividades de grupos de pesquisa e/ ou de estudo coordenados pelos docentes da UFPI, e a maioria (65,8%) conte com o apoio para frequentar essa IES. Em relação à sociabilidade dos/das respondentes para com seus colegas de curso, inferiu-se que a maioria (68,4%) confia em seus colegas. Esse dado, pode ser discutido com base na pesquisa de Silva (2002, p.109), onde a autora afirma que

As resistências ou intolerâncias e desconfianças por parte dos jovens, tanto da área urbana quanto das áreas rurais, eram sentimentos que faziam a diferença; assim como as vestimentas, a escolha de determinados acessórios, os comportamentos eram determinantes para a concretização das aproximações ou não. Não esquecendo, também, do núcleo familiar que é importante para que um rapaz ou uma moça aproxime-se de outro(a) jovem; sobretudo, porque tal observação é feita primeiramente pelos adultos, os pais, os avós informando, portanto, com quem ou com que tipo de jovem se deve ou não fazer amizade.

Esses núcleos são fundantes para a manutenção do modo de vida dos jovens rurais. Eles têm, por exemplo, na família um universo moral (SARTI, 1994), instituída de valores simbólicos, sendo “fundada num dar, receber e retribuir contínuos” que dão significado a um mundo social. Os valores instituídos em cada esfera familiar serão os principais indicadores para a efetivação das aspirações dos/das jovens que compõem este núcleo, podendo incentivar ou não a concretização de seus projetos. Por outro lado, como afirmam Puntel, Paiva e Ramos (2011, p. 17)

O meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e desigual, onde a juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição de fronteiras entre o espaço urbano e rural, associada à falta de perspectivas para quem vive da agricultura poder acompanhar este padrão de modernização. Percebemos que os jovens do meio rural das gerações passadas (agora os pais dos jovens pesquisados) construía suas experiências em espaço social mais restrito, enquanto que as gerações atuais estão cada vez mais ligadas a relações sociais e culturais mais amplas, o que possibilita a estes jovens repensarem suas identidades, suas relações pessoais e seus projetos de vida. Agora e cada vez mais centrados na decisão entre permanecer no meio rural ou partir em busca de novas oportunidades nas cidades, o que vem fortalecendo o debate em torno da sustentabilidade geracional do campo. Além do mais, os jovens de agora, cada vez mais procuram afirmações para o seu futuro e aspiram à construção de seus projetos, geralmente vinculados ao desejo de inserção no mundo moderno.

Essa heterogeneidade no modo de interação entre territórios está cada vez mais frequente com o processo de modernização, possibilitando a reorganização dos modos de vida dos diferentes sujeitos sociais, principalmente dos/das jovens rurais universitários (as) que estão em fluxo contínuo entre o campo e a cidade. No entanto, há de se destacar (conforme tabela 6) a manutenção do sentimento de pertencimento que se estabelece nas diferenciações entre o rural e o urbano por esses jovens. O que, para Cândido (2018), está relacionado à estabilidade da primeira sociabilidade ocorrida pelos laços familiares e da localidade. Especificamente, tem-se que a maioria (81,6%) dos respondentes se reconhece como pertencente às suas localidades, mais da metade (65,8%) sente que pode confiar nas pessoas de sua localidade, esses sujeitos afirmam (89,5%) também que se sentem seguros em sua comunidade, mas um pouco mais da metade (57,9%) diz que não pode contar com alguma organização ou instituição comunitária quando precisa. Vale destacar ainda que uma grande parte (71,1%) dos respondentes afirma que suas localidades têm melhorado nos últimos cinco anos.

Tabela 6. Laços de pertencimento dos/das jovens rurais pesquisados (as) com seu território

Características	N	%
Sente que pertence a sua localidade		
Sim	31	81,6
Não	07	18,4
Total	38	100
Sente que pode confiar nas pessoas da sua localidade		
Sim	25	65,8
Não	13	34,2
Total	38	100
Sente seguro na sua localidade		
Sim	34	89,5
Não	04	10,5
Total	38	100
Sente que pode contar com entidade da sua localidade		
Sim	16	42,1
Não	22	28,9
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

A manutenção dos laços territoriais por esses jovens rurais universitários acontece não somente no presente, mas essas interações se projetam também pelas perspectivas de futuro. Isso acontece porque esses atores prezam pela sua permanência no território mesmo que tenham de dar continuidade aos estudos, principalmente realizando especialização, mestrado e doutorado (23,7%), como os casos em que buscam de imediato a estabilidade socioeconômica por meio de um emprego público (7,8%), ou os que querem conciliar tanta a formação quanto o concurso público (26,3%). Mas também através da formação continuada/ concurso público e retornando a sua localidade (42,8%) (ver tabela 7).

Tabela 7. Perspectivas de futuro dos/das jovens rurais pesquisados (as)

Características	N	%
Perspectivas de trabalho após conclusão do curso		
Passar em um concurso público	03	7,8
Formação continuada	09	23,7
Formação continuada/ concurso público	10	26,3
Formação continuada/ concurso público/ retornar à sua localidade	16	42,8
Total	38	100
Mudanças esperadas com conclusão do curso		
Melhorar a condição financeira e ajudar a família	19	65,8
Tornar-se orgulho/ exemplo para família/ localidade	10	26,3
Conquistas pessoais e profissionais	7	18,4
Não respondeu	2	2,6
Total	38	100
Total	38	100

Fonte: Melo, Santana e Braga (2016), pesquisa de campo.

A identidade territorial dos/das jovens estudantes rurais e pesqueiros também se manifesta através das mudanças esperadas com a conclusão do curso superior, principalmente no modo como essa identidade se relaciona com a família e o espaço local. Para se ter uma ideia, a metade (50%) dos sujeitos aponta que a conclusão do curso irá trazer melhorias nas suas condições financeiras e com isso poderá ajudar a família. Alguns (26,3%) deles sentem que se tornarão motivo de orgulho e/ou exemplo de transformação para a família e a comunidade, sendo que 18,4% apontam para a formação como uma forma de conquista pessoal e profissional.

Tais dados corroboram com as percepções de Silva (2002, p.101) quando, ao investigar os jovens de Chapada do Norte, verifica a importância da família na vida deles e suas implicações para o futuro, principalmente “neste laço afetivo-familiar tão estreito que os jovens vão mediando e formando suas personalidades, construindo suas identidades e suas maneiras de se verem e de se auto representarem”. A autora confirma sua análise trazendo o que Carneiro (1998) observou ao estudar os jovens rurais de uma colônia Italiana, enfatizando que os/as jovens no referido *lôcus* tem um compromisso moral com a família, pois reconhecem a ajuda fornecida e com isso criam uma dívida permanente para com eles. Por outro lado, alguns se colocam contrários a estas estimativas e constroem outros modos de vida que não estão ligados diretamente ao local de origem, com certo distanciamento em relação aos seus familiares, já que “uma vez migrantes, para romperem com os laços e conseguindo constituir família, nunca mais voltam, ou, quando muito, mandam apenas notícias”.

Considerações Finais

As comunidades rurais e pesqueiras estão passando por um movimento de ruptura em suas tradições, ocasionado pelas transformações geracionais que são resultantes do processo de reflexividade instituído na modernidade. Os jovens e as jovens estão se opondo a certas condições vividas por seus pais, principalmente aquelas ligadas às estratégias de superação por meio do trabalho precarizado. Os sujeitos pesquisados vislumbram na educação formal um meio de concretizar o sonho de melhores condições de vida (saúde, educação, transporte, saneamento básico, entre outros). Salienta-se ainda que a oposição não está diretamente relacionada aos valores ligados à família e à localidade, mas de sua manutenção dentro de uma ordem econômica e social do capitalismo moderno.

Ao analisar as trajetórias escolares desses/dessas jovens rurais universitários (as), observou-se que ser estudante nos meios rurais brasileiro não é uma tarefa fácil, principalmente porque este assume para si o enfrentamento de inúmeras dificuldades ligadas à qualidade da educação formal nas comunidades rurais e pesqueiras, bem como do *capital cultural* estruturado nos modos de vida rural. Esses/essas jovens estudantes têm de utilizar-se dos próprios recursos para suprir as carências educacionais deixadas pelo Estado em suas comunidades, tendo que se deslocar para outros espaços objetivando o acesso a melhores

condições de trabalho e educação (em maiores níveis de ensino), o que leva ao fomento das práticas migratórias.

A trajetória escolar dos jovens estudantes rurais universitários se dá pela dinâmica interna e externa com que se constroem as interações sociais. Na dinâmica interna, observa-se que as trajetórias são a todo instante ressignificadas através das experiências dos sujeitos no campo familiar, das amizades e na localidade onde vivem. Na externa, a educação ganha a forma principal, porque as interações nesse espaço, como vimos, desencadeiam condições e experiências que permitem aos sujeitos juvenis rurais vivenciar outros percursos de vida e situações de forma autônoma, embora ligadas aos valores tradicionais da localidade na qual vivem.

A transformação da trajetória escolar desses sujeitos em jovens rurais universitários, faz com que próprio sentido do rural seja repensado, sendo necessário que ocorra uma democratização do conhecimento com ensino formal contextualizado, vislumbrando à formação de sujeitos históricos, críticos e reflexivos, capazes de agir sobre suas realidades, dando novos sentidos ao que está posto e/ou delineando novas perspectivas. Contudo, trabalhos como este vêm fomentar as discussões no âmbito das políticas públicas, visando a garantia do acesso à educação de forma plena e eficaz para estas parcelas da população, buscando o distanciamento dos modelos neoliberais, que tomam do Estado tal responsabilidade e a coloca como sendo do indivíduo.

Nessa linha, vale destacar a importância de políticas públicas que oportunizam aos jovens e às jovens rurais o acesso a uma educação democrática e de qualidade, que dialogue com suas realidades e não os privem do convívio com suas famílias na região onde moram. O fim dessas políticas, representaria o crescimento dos processos migratórios para as cidades com mais recursos tecnológicos e o conseqüente esvaziamento do rural.

Referências

BACHA, Stella Maris Cortez; et al. Rendimento escolar de alunos da área rural em escola urbana. **Rev CEFAC**. São Paulo. Out-dez, v. 8, n. 4, p. 429-40, 2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v8n4/v8n4a04>. Acesso em: 18 jan. 2019

BARCELLOS, Sergio Botton. **A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil: atores e fluxos políticos nesse processo social**. 2004. 1 v. Tese (doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6^a ed. Lisboa: Edições 70. 2011. 280 p. ISBN 8562938041

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 12^a ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2018. 336 p. ISBN: 9788531416521

© Rev. Inter. Educ. Sup.	Campinas, SP	v.6	1-21	e020022	2020
--------------------------	--------------	-----	------	---------	------

CASTRO, Elisa Guarani de (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 311 p. ISBN 9788574782409

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.28, n.100. p. 1005-1028, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 18 jan. 2019

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. n.24, set/out/nov/dez, 2003, p.40-52. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. Unesp, 1991. 156 p. ISBN 8571390223

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. Cotas Universitárias no Brasil: Análise de uma década de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 21, Número 2, Maio/Agosto de 2017: 183-193. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n2/2175-3539-pee-21-02-00183.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FALCÃO, Jorge Tarcísio da Rocha; RÉGNIER, Jean-Claude. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília: MEC/INEP, v. 81, n. 198, p. 229-243, mai./ago. 2000. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/rbep/article/view/937>. Acesso em: 18 jan. 2019

MACHADO, Verônica Moreno. A Juventude camponesa em cena e sua relação com a instituição escolar. **Revista Labirinto**, [online], v. 18, p. 52-67, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/viewFile/890/1059>. Acesso em: 18 jan. 2019

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude e Participação: disputas e relações no cotidiano escolar. *In*: I SEMINÁRIO VIOLAR: PROBLEMATIZANDO AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS. 2010. Campinas: Faculdade de Educação, Unicamp. **Anais...** Campinas: I Seminário Violar: problematizando as juventudes contemporâneas. 2010. p.01-14. Disponível em: <https://observatoriadajuventude.ufmg.br/publication/view/juventude-e-participacao-disputas-e-relacoes-no-cotidiano-escolar/>. Acesso em: 18 jan. 2019

PAULO, Maria Assunção Lima de. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. 2010. 1 v. Tese (doutorado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

PAULO, Maria Assunção Lima de; SILVA, Natanael de Oliveira. Juventude rural e ensino superior: acesso, limites, possibilidades e transformações. *In*: XXIX Congresso Latino-americano de Sociologia, 2013, Santiago - Chile. **Anais...** Santiago – Chile: XXIX Congresso Latino-americano de Sociologia, 2013.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Carlos Águedo Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. *In: I Círculo de debates acadêmicos*. IPEA, Brasília, 2011. **Anais...** I Círculo de debates acadêmicos. 2011. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>. Acesso em 27 Ago. 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. **A Família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo. 1994. Tese (doutorado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SILVA, Vanda. Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência. **Cad. CEDES** [online]. 2002, vol.22, n.57, pp. 97-115. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12005.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019

SOUZA, Maria Eunice Barbosa de.; ANDREATTA, Marcelo de Faria Corrêa e RAMBO, Sirlei Terezinha Frizão. Um contexto, uma época: a escola e os sujeitos jovens do campo. *In: MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares e PALUDO, Conceição (Org.). Teoria e prática da educação do campo - análises de experiências organizadoras*. Brasília: MDA, 2008. 236 p. ISBN 9788560548378

STROPASOLAS, Valmir Luiz. Juventude rural: uma categoria social em construção. *In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, 2011, Curitiba-PR. **Anais...** Curitiba-PR: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011. p. 1-28

TAVARES, Maurício Antunes. **Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas**: Vida social de jovens entre o campo e a cidade no sertão de Pernambuco. 2009. Tese (doutorado em Sociologia), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. *In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (Org.). Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. 312 p. ISBN 9788574782409

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno. *In: XXXV CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL*, 1997, Natal-RN. **Anais...** Natal-RN: XXXV Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 1997. p.1-37